

CENTRO DE ESTUDOS SOCIAIS

# DICIONÁRIO DAS CRISES E DAS ALTERNATIVAS

  
ALMEDINA

 ces

Centro de Estudos Sociais

# Dicionário das Crises e das Alternativas



## **DICIONÁRIO DAS CRISES E DAS ALTERNATIVAS**

AUTOR

Centro de Estudos Sociais – Laboratório Associado  
Universidade de Coimbra

EDITOR

EDIÇÕES ALMEDINA, S.A.

Rua Fernandes Tomás, nºs 76, 78 e 79  
3000-167 Coimbra

Tel.: 239 851 904 · Fax: 239 851 901  
www.almedina.net · editora@almedina.net

DESIGN DE CAPA

FBA

REVISÃO

Victor Ferreira

PRÉ-IMPRESSÃO

EDIÇÕES ALMEDINA, S.A.

IMPRESSÃO E ACABAMENTO

G.C. – GRÁFICA DE COIMBRA, LDA.

Palheira Assafarge, 3001-453 Coimbra

producao@graficadecoimbra.pt

Abril, 2012

DEPÓSITO LEGAL

....

Os dados e as opiniões inseridos na presente publicação são da exclusiva responsabilidade do(s) seu(s) autor(es).

Toda a reprodução desta obra, por fotocópia ou outro qualquer processo, sem prévia autorização escrita do Editor, é ilícita e passível de procedimento judicial contra o infractor.



GRUPOALMEDINA

---

BIBLIOTECA NACIONAL DE PORTUGAL – CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

Centro de Estudos Sociais – Laboratório Associado

Universidade de Coimbra

DICIONÁRIO DAS CRISES E DAS ALTERNATIVAS

ISBN 978-972-40-4820-8

CDU 316

338

impacto ambiental que elas geram nos contextos onde vão ser localizadas. Um caso emblemático é a energia atômica, considerada por alguns a forma mais “limpa” de geração de energia, por outros a mais perigosa e poluente. Além disso, tais estruturas pressupõem o emprego de trabalho humano em condições pouco sustentáveis ou saudáveis, como no caso da reciclagem de resíduos sólidos urbanos. Por último, grandes investimentos na economia “verde” podem comportar a expropriação de espaços e gasto de recursos de uso comum, como no caso da plantação de eucaliptos feita no âmbito do “mercado do carbono” global para compensar emissões de CO<sub>2</sub>.

Visões alternativas da “economia verde”, baseadas na crítica dos mecanismos económico-políticos vigentes (como as teorias do “decrescimento”, do “bem viver” ou da “transição”), enfatizam três condições imprescindíveis para uma verdadeira reconversão da economia: a pequena dimensão e *relocalização* das atividades económicas, a recusa dos modelos de consumo dominantes, e a valorização não monetária da natureza e dos ecossistemas.

*Stefania Barca*

## **Emigração**

Nos últimos vinte anos, a dimensão e o significado social que os movimentos migratórios de saída registaram contrastaram com a produção social e política da ausência da emigração portuguesa e, em especial, dos fluxos emigratórios. Considerada uma característica do passado e associada a uma realidade marcada por baixos níveis de desenvolvimento, a emigração dificilmente se enquadrava na narrativa do desenvolvimento económico e social corrente durante este período. Imaginando-se um país do centro, Portugal excluiu-se do grupo de países de emigração. Os dados estatísticos disponibilizados pelos países de acolhimento mostram, contudo, que, desde meados da década de 1980 e, sobretudo, nos primeiros anos do novo milénio, se intensificaram os fluxos de saída dos portugueses (que atualmente rondarão entre 70 000 e 100 000 por ano), surgiram novos destinos (Angola, Brasil, Reino Unido), desenvolveram-se destinos tradicionais da emigração (França e Suíça) e diversificaram-se os perfis migratórios.

Esta diversificação constitui uma marca diferenciadora dos movimentos emigratórios atuais, perceptível através do desenvolvimento e combinação de formas de mobilidade e da modificação das características sociodemográficas dos emigrantes, em especial da crescente participação de mulheres e da

maior qualificação. Embora continue a ter forte significado a emigração de cidadãos com poucas qualificações e a inserção profissional nos países de destino não se proceda, frequentemente, em conformidade com as qualificações de origem, a maior qualificação dos emigrantes atuais surge como o aspeto mais mediatizado.

A existência de emigrantes com maior nível de qualificação constitui um reflexo quer das alterações registadas nos níveis gerais de escolarização da população portuguesa, quer da insuficiência do mercado de trabalho nacional em integrar pessoas com níveis de qualificação elevados, quer, ainda, da opção deliberada por uma carreira profissional no exterior. Uma característica que tem a virtualidade de poder contribuir para a aquisição de experiência internacional e para a inserção deste grupo em redes de investigação e/ou profissionais internacionais, mas que, a manter-se, poderá contribuir para subtrair ao país uma geração de jovens altamente qualificados e, deste modo, limitar as suas possibilidades de desenvolvimento futuro.

*José Carlos Marques*

## **Empreendedorismo**

O campo semântico da noção de empreendedorismo é bastante diversificado, e tem sido muito instável ao longo do último século. Tanto pode remeter-nos para uma situação na “profissão” ou para uma atitude. No primeiro caso, remete-nos para a categoria das pessoas que criam o seu próprio emprego ou das que possuem empresas; no segundo, para a atitude marcada pelas capacidades e conhecimentos postos ao serviço dos negócios. Mais recentemente, tem vindo a afirmar-se a noção de que o empreendedorismo designa a capacidade de detetar e aproveitar oportunidades de negócio. Segundo o fundador dos estudos sobre o empreendedorismo, Schumpeter, a inovação é uma componente fundamental daquela capacidade. É também de inspiração schumpeteriana a noção, amplamente promovida pelas organizações internacionais ligadas ao desenvolvimento e transposta para as políticas ativas de emprego em muitos países, de que o empreendedorismo está na base das mudanças económicas mais importantes, alterando o sistema económico a partir do seu interior. A atual crise reforçou a retórica acerca dos seus importantes benefícios, económicos e sociais, salientando que este não se limita a ser uma força que leva à criação de emprego, à competitividade e ao crescimento, mas que também con-